

## DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ FERREIRA DE FREITAS

CUIABÁ

de ONTEM

e de HOJE

num MATO GROSSO de SEMPRE

A cultura - de que esta Casa é geratriz e a um só tempo guardiã - representa patrimônio imperecível e inestimável que nos cumpre preservar.

E quando nos apercebermos disso em plenitude , compreenderemos, então, a importância de lutar bem MAIS PELA VIRTUDE DO QUE PELO OURO, seguindo o lema em boa hora adotado para o Brasão de Mato Grosso.

Exmº Sr. Chefe da Casa Civil, representando o Exmº Sr. Dr. José Garcia Neto, DD. Governador de Mato Grosso .

Exmº Sr. Desembargador Domingos Sávio Brandão Lima, DD. Presidente do Tribunal de Justiça do Estado.

Exmº Sr. Dr. Gervásio Leite, DD. Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras.

Exmº Srs. Secretários de Estado, Deputados, Prefeitos , Vereadores, e demais autoridades;

Exmª Srª Drª Luzia Helena de Freitas Cruz, D.D. Chefe de Gabinete , neste ato representando o Sr. Prefeito de Cuiabá.

Exmº Sr. Acadêmico e Deputado Antônio Lopes Lins.

Senhoras e Senhores. Srs. Acadêmicos :

Quando ultrapassei , hoje, o pórtico venerável da Casa de Barão de Melgaço, para adentrar na sua intimidade e tomar posse na Cadeira nº 32, sucedendo o notável mato-grossense Professor Isác Póvoas, experimentei um misto de orgulho e de responsabilidade.

Justo e sadio orgulho, ao vislumbrar a oportunidade de compartilhar do convívio daqueles que perpetuam a cultura - e que por isso, são imortais.

Responsabilidade que vergam meus frágeis ombros, no momento em que passei a assumir a Cadeira nº 32, consciente de que aqui mesmo militaram nas letras , transmitiram cultura e por isso ainda vivem, dentre tantos : Isác Póvoas, cuja Cadeira tinha por Patrono Francisco Catharino

Teixeira de Brito, ao lado de tantos outros capitaneados pelo inolvidável D. Francisco de Aquino Corrêa.

Minha mente , em fração de segundos , se voltou há 23 anos, quando pela primeira vez conheci a então vetusta, quieta e insulada Capital Mato-grossense, bastião da nacionalidade, plantada no centro geodésico da América do Sul ...

E estabeleci contrastes entre aquele e este dia. Ontem, palmilhando suas ruas, o Dr. Wilson Furtado ia me mostrando os lugares históricos : aqui, o lugar da lenda da alavanca de ouro; ali, a velha Catedral; o histórico e vetusto Palácio do Governo; mais adiante, o centro geodésico; aqui e ali, tantas paragens bonitas que falaram 'a minha mente e encantaram a minha imaginação.

Isso ontem. Hoje, o cenário agitado de suas construções. A cidade se espraia, mas também se ergue ponteaguda, mostrando-se aos céus; o ir e vir cada vez mais numeroso de estudantes - inclusive de curso superior; milhares de veículos circulando suas ruas, demandando as estradas, atravessando caudais, e levando progresso para as profundezas sertanejas; asas metálicas, no afã civilizador, cortam os céus em todos os quadrantes, num movimento de integração para o qual Cuiabá é portal natural; e quantas exteriorizações reveladoras de que a terra ultra bicentenária vive ocasião de forte transição, fruto de fecundo trabalho, que sobrepõe óbices materiais, tudo vence, transformando a fisionomia desta terra, que se agiganta , progride, cresce e se projeta, acompanhando a constante prosperidade do querido torrão nacional.

Uma coisa não se modificou, de ontem para hoje: o lema inscrito no Brasão de Mato Grosso: *Virtude plusquam Auro.*

E concluí rapidamente que aqui se cultivava a espiritualidade, principalmente quando conheci este sodalício! Concluí que por aqui passaram, aqui vivem e aqui viverão tantos que apreciaram e apreciarão a cultura - patrimônio que o tempo não consome.

Retornando minha imaginação ao ontem, lembro-me de que me falaram, com muito orgulho, da figura de D. Aquino Corrêa. E falando no Bispo-Governador , teria que ser mencionada a Academia Mato-grossense de Letras, parte de sua vida. Academia imortal, de idade estanque, que não envelhece, porque, com Casa dos Imortais, não está sujeita à ação do tempo. Academia que sempre cumpriu a finalidade a que foi criada, dela irradiando o amor e a prática às letras, evidenciando-se que Mato Grosso deseja desenvolver-se harmonicamente, jamais se esquecendo do florescimento , também , do espírito.



Aluno que me considero sempre, a folhear o enorme livro da vida, resumiria meu vestibular na Academia, a homenagear a figura do mestre que substituo e a enaltecer o luminoso campo da cultura, a que o homem deve dar de si o máximo, na ascensão contínua com que vai das trevas para a luz. Sim. Ainda mesmo quando focalizamos o progresso material, a cultura se faz presente, impulsionando o homem na estrada da vida. Veja-o em ação. Veja-o neste pequenino planeta a medir, e pesar, a analisar constelações que seus olhos não enxergam; a predizer as vicissitudes da terra, do sol e da luz; a testemunhar o nascimento e morte dos mundos. Veja-o matemático, a traçar novas formas que abrem caminho para cadeias sem fim de invenções multiplicadoras do poder humano.

Aqui, uma ponte; ali, milhares de toneladas de ferro suspensas em cabos de aço. E as cidades verticais que arranham o céu, firmes em sua arrogante emersão, graças à coragem dos nossos cálculos. Os laboratórios biológicos preparam-se para fazer com o mundo vivo o que a física fez com o mundo morto da matéria. Por toda a parte, vemos as criaturas humanas em atividade constante!

Esses homens morrem, muitas vezes antes que as árvores plantadas dêem frutos que a humanidade colhe! Mas nada os detém! Começando por imitar os peixes, fizeram embarcações; hoje imitando as aves, passaram a voar e até pisaram a lua.

Num desenvolvimento abrupto, a América - terra da liberdade e da esperança - é o lugar onde o futuro está presente. E teria sido melhor que tivesse sido descoberta há mais tempo.

Podemos ver e ouvir a América crescer; o ar se impregna de experiências e mudanças. O Brasil, jovem País do Continente, despertou e se movimenta. E como se movimenta o Gigante! Em termos de desenvolvimento integral, impossível mensurar sua grandeza. No campo material e espiritual, lutamos para nós mesmos e para nossos filhos, em quem depositamos a maior vitalidade construtora da raça.

Podemos olhar com firmeza para os olhos de nossos filhos: esses olhos verão o futuro. Esses moços afortunados que verão grandes coisas. A nós, mais maduros, nos compete preparar-lhes o caminho. Sim, para que lutem como lutamos. Para que nos imitem e sigam os passos daquele moço patrono da cadeira que hoje assumimos: FRANCISCO CATHARINO TEIXEIRA DE BRITO.

Francisco Catharino Teixeira de Brito passou. Deixou magníficos exemplos, dignos de serem lembrados e vividos.

Ao lado de muitos, o que fez pela cultura não a deixará perecer.

De fato, 5 anos após sua morte, nascia aquele a quem substituo hoje! PROF. ISÁC PÓVOAS.

Entre seu nascimento e seu derradeiro e eterno sono, teve tempo de manejar a ciência e a arte, alimentando o espírito humano com seus versos e escritos admiráveis.

Passam os homens. Todavia, ficam suas obras a desafiar a ação do tempo. Fica a sua memória, como marco imperecível de sua passagem por este mundo, rumo à eternidade.

*Que coisa admirável o homem - escreveu RENAN - que, num instante entre duas eternidades - a que precede o nascimento e que se segue à morte - ainda tem tempo de descobrir a arte e a ciência! Isác Póvoas aprendeu a arte de viver e sentir; de ser governado e de ser membro do Governo; viveu, sentiu e espargiu a ciência. E incentivou a cultura.*

Assim fazem os homens retos. Passam, mas deixam os bons exemplos que nos cumpre seguir.

Fui eleito para substituir o Prof. Isác Póvoas.

Minha emoção move a roda do tempo.

Escuto, no silêncio da memória de Isác Póvoas - que reverencio - mas no reboiço de suas obras tão grandiosas, seus feitos como homem público, como poeta, como brasileiro autêntico que nele punha o selo da fé e da esperança, num trabalho diuturno e sem descanso; trabalho compensador, daqueles que animam seus agentes e os impulsionam para os outros mais.

No desempenho desse trabalho, devemos demonstrar uma visão nítida da projeção do nosso Estado, em todas as suas dimensões. Na retrospectão ao passado, na co-participação dos labores daquela época, hoje podemos, com o esforço de todos os Brasileiros, tendo à frente a figura ímpar do Presidente Geisel, conseguir - como estamos conseguindo - uma arrancada de desenvolvimento e segurança, guiados pela paz, impulsionados aos rumos do PROGRESSO dentro do princípio da ORDEM.

Sr. Presidente,

Srs. Acadêmicos :

A homenagem que recebo, - ao me elegerem e empossarem - divido-a com minha esposa, meus filhos, minha mãe e meus irmãos, recordando a memória de meu exemplar e digno progenitor.

Espero ter na Casa de Barão de Melgaço - como sempre - ação e gosto pelo cumprimento do dever, como aprendi de berço, porque aqui também estarei colaborando com a minha pátria.

Assim, todos devemos proceder.

Jamais viver dentro do casulo de egoísmo. Ao contrário,



altruisticamente, pensar em nosso semelhante. Pensar neste País, que tudo deve merecer de nós, mediante trabalho construtivo e duradouro, no presente, para os reflexos frutuosos do futuro.

Meça-se a atividade humana, do berço ao túmulo. Na verdade, o importante não é viver intensamente. Viver, empregando os dotes admiráveis que recebemos de Deus, para iluminar o caminho do futuro, submetendo as coisas criadas em prol da obra prima das criaturas: o homem.

Com a visão nessa meta, seja nosso labor cercado de ação e alegria.

Assim como na roseira, tanto podemos ver rosas ou espinhos, assim também a vida é alegre ou triste, dependendo de como a encaramos. Sim. Desde que a civilização começou, o instinto se fez inadequado e a VIDA teve que pedir socorro à razão.

Dest'arte, se num momento ou noutro - como nas horas da tempestade do mar - a vida nos parece construtiva, mas cheia de sacrifícios, esqueçamo-nos de que exige sacrifícios e prestemos atenção em que é construtiva.

A Academia Mato-grossense de Letras muito ainda poderá fazer, pelo desvelo de que são dotados os seus membros, de quem é abrigo e guardião de seus feitos. Deve, por isto, ser considerada como patrimônio indestrutível e valioso da Terra de D. Aquino e Rondon e haverá de consegui-lo agora. O impulso dado pelo então Presidente do Estado, D. Aquino Corrêa, é agora seguido pelo Governador José Garcia Neto, que tantas vezes tem revelado, em palavras e atos, que estima a cultura; que a Administração Pública e o estímulo ao desenvolvimento da inteligência não se repelem, antes se atraem e se completam, buscando o mesmo fim: o bem comum. E agora há pouco, enviava Mensagem à Augusta Assembléia Legislativa, que aprovando-a lhe permitiu sancionar a Lei que criou a Fundação Cultural e de Promoção Social, ambas relacionadas com a cultura e o bem estar humanos.

Adentro esta Casa conscientizado de que é depositária das letras e da Cultura Mato-grossenses, sentindo na prática que seus componentes cantam em prosa e verso a beleza desta terra e registram a bravura e o labor de sua gente.

Assim vejo este Sodalício. Assim espero nele colaborar.

Sim, na Academia respira-se intelectualidade. Ao registrar os costumes, o folclore, o desenvolvimento, e os feitos humanos, a cultura escreve a história - elo entre passado, presente e futuro, immortalizando-os, em verso e prosa, na diversificação das suas manifestações, dando respostas à civilização, ao homem e à vida, de geração em geração, numa sucessão sem fim.

Assim é, assim tem sido e assim será. Pela cultura, conhecemos o passado, vivemos o cristianismo, os filósofos, nos doutrinadores e pensadores, através aqueles que se dedicaram a dar eternidade aos valores intelectuais, a suas palavras e a seus feitos e suas virtudes.

Com tantos conhecimentos à mão, através a cultura, procuraremos a arte de refazer-nos, como havemos feito os continentes.

Nesse sentido, não morre a civilização.

Não morreu a civilização grega. Apenas a terra que aleitou Homero e Alexandre talvez já não tenha fertilidade para produzir gênios; a civilização grega desertou essa terra. Mas, vêmo-la transplantada para outros países. Homero ainda canta a cólera de Aquiles e Alexandre ainda marcha sobre o Ganges; Hesíodo ainda entoia suas homílias e Píndaro ainda corôa de lauréis líricos as fronte atléticas; Sólon legisla e Clístenes modela a democracia; Péricles ouve Anaxágoras e senta-se com Sócrates aos pés de Aspásia. Eurípedes faz os vencedores chorarem, tanto quanto choraram os troianos vencidos; Platão caminha caladamente entre os discípulos da sua Academia; Diógenes continua de lanterna em punho e Aristóteles classifica o universo; Zeno fala com Aurélio; Safo e Anacreonte fazem versos. Euclides estuda os diagramas de Arquimedes. A Grécia não morreu; é a própria vida, a própria alma da Grécia assegurando a perpetuidade.

Existe sempre ao nosso lado alguém de bom caráter e de espírito bem formado. mas se sentirmos dificuldades como Diógenes, de lanterna à mão, para encontrar criaturas bem formadas, cujo contato nos enleve, recorramos aos mortos.

Com boa leitura, teremos a amizade dos grandes gênios que floresceram no passado; sentindo a sabedoria de Sócrates, enlevando-nos com as pinturas de Leonardo, ouvindo a música de Bethoven ou Mozart.

Melhor faremos, se procurarmos o Deus vivo, através a sapiência dos ensinamentos nos Livros Sagrados - que além de seu sentido religioso, representam a maior enciclopédia que o mundo já conheceu. Poderemos ler o Decálogo no Monte Sinai; poderemos ver o Povo Eleito atravessando o Mar Vermelho; com espírito cristão, somos capazes de ouvir o Rabi da Galiléia, pregando o Sermão da Montanha, e até assistí-lo na multiplicação dos pães...

Isso é o que poderemos fazer.

E o que farei aqui na casa dos Imortais?

Tendo aprendido, de berço, a ser reconhecido, permitam-me destacar um agradecimento todo especial ao Acadêmico Dr. Antônio Lopes Lins. Meu antigo Inspetor do Banco do Brasil, depois, meu colega de Magistério Superior, ao ser eleito Deputado Estadual, S. Exa. foi me encontrar como Assessor Jurídico do Parlamento Estadual. Acreditou em mim, como aluno impenitente,



nos livros das ciências e no grande compêndio da vida. Foi buscar-me na humildade em que me encontrava. Com seu cavalheirismo, ampliou minhas modestas possibilidades intelectuais, apresentando-me a este Sodalício.

E me inclino, agradecido, por minha eleição, manifestando a todos os ilustres Acadêmicos o meu reconhecimento, minha admiração e pura homenagem. Manifesto-lhes meu regozijo em poder me privar da sua companhia agradável e proveitosa, sob a Presidência clarividente e dinâmica do Des. Gervásio Leite, operosamente secretariado pelo historiador Professor Rubens de Mendonça: Zelosos, cômicos e impecáveis no cavalheirismo e no seu posicionamento retilíneo à frente da Academia Mato-grossense de Letras.

Por certo, tudo farei para manter sempre viva a obra - que por ser intelectual é imperecível - de Isác Póvoas e dos demais Imortais da Casa de Barão de Melgaço.

Com aquela dose de prudência tão própria da minha formação e do incipiente avanço dos anos, ouvirei mais do que escreverei ou falarei. Mas serei um bom aprendiz - asseguro-lhes. Estou convicto todavia, de que não só conservarei o magnífico conceito que tem a Academia Mato-grossense de Letras, mas haverei de colaborar - com parcela pequena que seja - para a sua sempre crescente projeção. Estou convencido de que com o correto manuseio dos escritos ou da palavra convincente, exteriorizarei provas de amor e de Paz, aceitação plena e integração eficaz.

Darei, assim, resposta digna à hospitalidade generosa da Casa que hora me acolhe, sob testemunho tão honroso e estimulante - para mim e meus familiares - das digníssimas autoridades e ilustres convidados que aqui compareceram.

A esta altura, resumindo os meus propósitos, repetiria, para finalizar, parte do *"Meu Credo"*, de John Rockefeller:

*"CREIO que há um Deus todo amor e todo Poderoso.*

*"CREIO que, para cumprir sua suprema missão, conseguir sua maior felicidade e tornar-se inteiramente útil, o homem precisa viver em harmonia com a vontade Divina".*

Assim, sempre procurarei pautar minha vida.

*"CREIO que todo direito implica uma responsabilidade; toda oportunidade, uma obrigação; toda posse, um dever".*

É o que tenho afirmado e reafirmo, hoje, ao ser empossado.

*"CREIO que prestar serviços úteis é dever comum da humanidade e que somente o fogo purificador do sacrifício, consome a escória do egoísmo e revela a grandeza da alma humana".*

Assim o sinto agora ...

Assim o farei sempre !

**Cadeira nº 17**  
**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO FREDERICO RONDON**  
**3 de maio de 1975**

Sejam minhas primeiras palavras, neste memorável momento em que sou recebido pela egrégia Academia Mato-Grossense de Letras, de enternecimento e saudade, lembrando os nomes venerandos de meus queridos pais, José Mamede da Silva Rondon e D. Anna Izabel das Neves Rondon, e padrinho Antônio Joaquim de Faria Albernaz, a quem devo as alegrias e suavidade de venturosa infância, vivida à sombra de mangueirais cuiabanos, no convívio familiar; entre vibrações cívicas, na comemoração das grandes datas nacionais, com o hasteamento da Bandeira, em nosso "quartel", ao som da marcha batida de corneta e tambor de brinquedo, com meu irmão Joaquim Vicente e minhas saudosas irmãs menores, Maria Virgínia e Iracema. Nas vibrações de religiosidade dos dias festivos da Igreja Católica – missas de madrugada e procissões, festas do Divino Espírito Santo e São Benedito, festas juninas e presépios do Santo Natal. Nas vibrações políticas precocemente despertadas por uma revolução, na qual tive meu "batismo de fogo" inesperadamente antecipado de dezesseis anos. Recordando ainda os mestres venerandos que me deram educação e ensino convencionais habilitando-me assim ao convívio social da juventude contemporânea e a galgar posições sucessivas de acesso, através dos estudos, rumo à vida profissional que abracei: os venerandos Padres Salesianos do Colégio São Gonçalo, sob a sábia direção de Dom Antônio Maria Malan e Dom Emanuel Gomes de Oliveira; Professores Victorino Miranda, Januário da Silva Rondon, José Magno da Silva Pereira, Fábio Monteiro de Lima, Philogônio de Paula Corrêa, Isác Póvoas, José Estêvão Corrêa, Jayme Joaquim de Carvalho, Aníbal Benício de Toledo, Joaquim Ribeiro Marques, Fernando Leite de Campos, Hormínio Pereira Mendes, do velho e querido Liceu Cuiabano; professores e educadores que tiveram marcante e efetiva participação, na formação de meu caráter e do cabedal de conhecimento das disciplinas ginasiais com que pude enfrentar, com bom êxito, os vestibulares da escola superior a que me destinei – a Escola Militar do Realengo. Lembrando ainda, com enternecimento e saudade, o grande brasileiro, Marechal Rondon – Cândido Mariano, na intimidade familiar de minha infância, como na expressão popular dos mato-grossenses contemporâneos; o vigoroso e jovial Tenente-Coronel Rondon, quando o conheci pessoalmente, em sua entrada triunfal em Cuiabá, em chegando de seus campos natais do Mimoso, na tarde de 13 de agosto de 1911, desfilando,



com sua comitiva, em cavalgada, entre alas do povo que o aclamava como a um vencedor (e realmente o era de ingente campanha, desbravador e pacificador dos sertões do Norte). Sertanista, engenheiro militar e geógrafo, generoso parente, amigo e chefe cuja personalidade cedo aprendi a admirar, inspirando-me o desejo de, no futuro, dando objetividade a inata vocação, também perflustrar sertões e fronteiras do Brasil e (quem sabe?) falar em rios e tribos selvagens da Amazônia, em conferências ilustradas com filmes e slides da natureza física e humana do Brasil Central, com a ressonância de nomes e expressões indígenas, seguindo enfim, na medida de minhas forças, os padrões rondonianos da carreira militar .

No ensejo de meu ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras, cabe ainda a efusão de meus sentimentos de gratidão aos eminentes matogrossenses, Presidente Pedro Celestino Corrêa da Costa e Desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes, Secretário do Interior de seu Governo, a quem devo homenagem que aqui rendo a sua veneranda memória, pelo estímulo que me deram, em momento decisivo de minha carreira de candidato a curso superior que o Estado não possuía, removendo as dificuldades materiais que eu encontraria, para a longa viagem de então, de Cuiabá ao Rio de Janeiro; e aos saudosos Acadêmicos-Presidentes Dom Francisco de Aquino Corrêa, José de Mesquita e Padre Wanir Delfino César, a quem devo desvanecedoras referências aos meus trabalhos e, por fim, o convite para me candidatar à Cadeira n.º 17.

Ao meu ilustre Paraninfo e querido amigo, Acadêmico Francisco Alexandre Ferreira Mendes, meu sincero reconhecimento pela generosidade das expressões com que sempre alude aos meus trabalhos, nas quais eu sinto, com desvanecimento, antes de tudo, o calor de velha amizade.

A Vossas Excelências, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos, dirigem-se, por fim, as expressões de minha gratidão, pela unanimidade, que muito me penhora; unanimidade manifestada pelo voto, na eleição que me trouxe a este sodalício, cõscio das novas responsabilidades que a generosidade de Vossas Excelências me atribui, como partícipe efetivo do momento cultural que ora anima o Estado de Mato Grosso, particularmente, a nossa querida Cuiabá, e também a Pátria Brasileira, como parte integrante da civilização ocidental, no momento universal em que nos é dado viver; momento de decisivo confronto, no qual se embatem culturas e regimes políticos, pelo derruimento de antigos conceitos de democracia; momento em que um novo conceito democrático emerge da Revolução Brasileira e empolga a atenção das Nações, em ambos hemisférios, e que, conciliando pela primeira vez em nossa História, os Objetivos Nacionais de

Desenvolvimento e Segurança, de Ordem e Progresso, de Trabalho e Paz Social, faz jus ao título de *Milagre Brasileiro* que lhe é conferido pelo consenso universal.

Momento nacional em que a Escola Superior de Guerra promove a divulgação de sua Doutrina de Segurança e Desenvolvimento, entre a intelectualidade, visando, especialmente, a esclarecê-la, consoante os postulados da Geopolítica Nacional que concitam os brasileiros à união e cooperação, para o estudo objetivo dos problemas regionais e sua oportuna equação, e traçam rumos à reestruturação do País, pela implantação, nos grandes vazios demográficos, de *Pólos de Desenvolvimento*, distritos agrícolas que, gerando novos Municípios – células republicanas – poderão evoluir, em moldes democráticos e senso econômico, para o *status* superior de Território ou Estado, quando houverem atingido a maioria política e as Micro-Regiões cumprido seu destino de unidades integrantes da economia nacional.

Prolongamento histórico e geográfico de São Paulo; Província de larga folha de serviços, na defesa da integridade territorial do Império do Brasil, em glorioso passado; meta das correntes migratórias espontâneas que, no presente, do Nordeste, Sudeste e Sul, convergem para seus sertões, em busca das glebas ferazes que lhes acenam com um futuro de paz e prosperidade, Mato Grosso é bem um símbolo da unidade brasileira a preservar e fortalecer, em sua integridade geopolítica e sócio-econômica, neste momento histórico de ressurgimento e progresso de confronto econômico, de integração nacional enfim.

Ao chamamento de Vossas Excelências, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos e, agora, prezados confrades, respondo com o meu cordial e decidido Presente!

À memória dos Acadêmicos Carlos Gomes Borralho e Humberto Marcílio Reinaldo, meus ilustres e saudosos antecessores na Cadeira nº 17, devo a homenagem que ora rendo, confortado pela presença subjetiva que a imortalidade acadêmica confere, opondo-se de algum modo a que, pelo olvido, se consume ação inexorável do tempo.

Ao venerando Patrono da Cadeira nº 17 - General Dr. João Severiano da Fonseca – dedicarei *data venia* os momentos seguintes desta hora de deslumbramento pessoal e complacente atenção do seletos auditório da Academia Mato-Grossense de Letras, recordando aquela figura insigne do Império e dos primeiros anos da República; focalizando-a sob um dos aspectos de sua personalidade de cientista – o Geógrafo – em estudo inspirado em sua obra que, interessando a Mato Grosso, tem particular realce



na imensa bibliografia em que deixou perpetuada sua contribuição aos Estudos Brasileiros – a *Viagem ao Redor do Brasil*.

#### 1– Traços biográficos

Nasceu na antiga Província de Alagoas, a 27 de maio de 1836, João Severiano da Fonseca, filho do Tenente-Coronel Manoel Mendes da Fonseca e de D. Rosa Paulina da Fonseca, sétimo rebento de uma família que haveria de se notabilizar, nos fastos do Império e da República, na guerra, como na paz, pelos serviços prestados à Pátria Brasileira – a nobre Família Fonseca.

João Severiano destinou-se à Medicina. Tendo cursado a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ingressou, aos 26 anos, no Corpo de Saúde do Exército, cuja culminância alcançaria, ao findar dos 28 anos de profícuos serviços de paz e de guerra. Tenente 2º Cirurgião, em 1862. Capitão Cirurgião, em 1869, por merecimento e serviços prestados em campanha. Major Cirurgião-Mor de Brigada, em 1881, por merecimento. Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, em 1885, por merecimento. Coronel Cirurgião-Mor de 1ª Classe, em 1890 e, no mesmo ano, General de Brigada Médico.

A primeira condecoração chega-lhe, em plena mocidade, como estudante – o hábito de cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, pela relevância dos serviços altruísticos, prestados na epidemia do *cholera morbus* que assolou o Rio de Janeiro, em 1854. No glorioso ciclo de sua vida militar, enche-se sua refulgente fé de ofício de elogiosos assentamentos, nas Campanhas do Uruguai e do Paraguai. Elogia-o, em plena batalha, o imortal Osório, impressionado pela correção daquele silencioso e abnegado Capitão Cirurgião que enfrenta serenamente a morte, para salvar a vida de seus camaradas que tombavam. Outras condecorações viriam constelar o peito predestinado, no decurso dos longos anos de sua vida militar: Oficial da Ordem de São Bento de Aviz, Comendador da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e da Ordem de Cristo e Medalhas das Campanhas Oriental e Geral do Paraguai.

O renome de cientista e escritor abrir-lhe-ia as portas da Academia Imperial de Medicina, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, das Sociedades de Geografia de Lisboa, Lima, Madri e do Instituto Arqueológico Alagoano. O Instituto de França concede-lhe as palmas de Oficial.

Em 1874, o Capitão Dr. João Severiano da Fonseca retorna às águas do Prata e remonta às do Paraguai, como membro da Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia, encargo que lhe traria o desejado ensejo de realizar sua *Viagem ao Redor do Brasil*.

Breve digressão pela política afasta-o, com a República, de sua

cátedra de Ciências Naturais, no Colégio Militar, levando-o ao Senado Federal, como constituinte pelo Distrito Federal.

General de Brigada Médico reformado, falece João Severiano da Fonseca, no Rio de Janeiro, em 7 de novembro de 1897. Decreto-Lei de 13 de março de 1962 reconhece e perpetua a auréola de imortalidade do grande Médico-Soldado, nos Quadros do Exército a que servira com tanto brilho e devotamento, elegendo-o Patrono do Serviço de Saúde do Exército.

## 2 -Apreciação bibliográfica

### 2.1- Introdução

Médico, soldado, escritor, poeta, geógrafo, professor, político e historiador, os seus livros vivem ainda, como mananciais riquíssimos de conhecimentos e de beleza... Na obra literária e científica de João Severiano, há um traço preponderante que é o denominador comum da sua grande vida de brasileiro e de soldado – o sentido de brasilidade. Águas, terras, céus, raças que se cruzam, na aleluia das primeiras miscegenações, nesta gigantesca cardeioide geográfica que é a nossa Pátria, tiveram de sua observação meticulosa o crivo do estudo e da advertência lúcida e sistemática... Seu estilo, suas afirmações não perderam nunca o espírito de humanismo e aquela suave expressão de beleza literária... Na verdade, o cientista, o sociólogo, o político, o geógrafo e o soldado são faces austeras que mal escondem, nos reflexos prismáticos, o colorido poético da sua inquieta sensibilidade...

Nunca se estudou detidamente *Viagem ao Redor do Brasil*. Ela e *Os Sertões* de Euclides são quase irmãos gêmeos que escarpelam, aos olhos atônitos dos brasileiros, as verdades tristes que queimam como fogo mas constróem e purificam, porque nasceram da sinceridade e da bravura e purificam, porque nasceram da sinceridade e da bravura cívica de dois grandes patriotas. Se mostram mazelas, afirmam também, em que pese aos Gobineaux, com a sua teoria de não ser possível uma civilização sob o Trópico, a capacidade criadora desse povo que desponta das suas matrizes eugênicas, revelando-se ao mundo e criando, no panorama social, uma cultura própria, objetivada nas próprias reservas biodinâmicas e na seiva forte do seu idealismo e do seu candente amor à Liberdade... Há em *Viagem ao Redor do Brasil*, observações do médico, do botânico, do geógrafo, do paleontologista e, sobretudo, do pensador equilibrado que, naqueles dias ainda incertos da Nacionalidade, incertos pelo sentido sociológico, traçava rumos e estabelecia equações econômico-sociais, pelas quais anteviu o extraordinário e surpreendente progresso atual do Brasil...



Estas judiciosas considerações de Carlos Sudá de Andrade (Capitão Dr. Carlos Sudá de Andrade. "João Severiano". (*Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil* -1943) levam-nos a aduzir, *data venia*, nossas próprias reflexões, sugeridas pelo cinquentenário de *Rondônia*, a obra excelsa de Edgard Roquette Pinto:

– Como "Os Sertões", predestinada à imortalidade, *Rondônia* não foi escrita para satisfazer a preocupações literárias, nem traçada no aconchego de confortável gabinete, entre outros livros, à luz carinhosa duma lâmpada, amortecida à feição das necessidades do trabalho... Foi nascendo pelas quebradas úmidas das serras, pelos caminhos marulhentos dos rios, nos areais desolados...

– São outros, na verdade, os cenários e atores da Epopéia Rondoniana. A agressividade do íncola, gerada pela revolta, ante a injustiça e o atraso social em que lhe é dado viver, é aqui defesa instintiva e, talvez, ressentimento de dolorosa experiência dos primeiros contatos com a civilização, cujas amostras lhe foram levadas pelos primeiros conquistadores, ao alto preço de sua liberdade e do esbulho de suas riquezas naturais.

– É também outra a atitude dos expedicionários que, possuindo a força das armas, preferem mensagens de paz e amor: *Morrer, se preciso for, matar nunca!*

– Assim compreendida a epopéia e assinalados seus traços diferenciais, num e noutro caso, cumpre reconhecer o justo paralelo que se impõe, entre uma e outra obra, entre Euclides da Cunha e Roquette Pinto, ambos irmanados no sentimento de brasilidade e no empenho em que põem a Ciência a serviço da Pátria, elucidando aspectos peculiares da obra de integração nacional; na simpatia e compreensão que lhes inspira o íncola, cerne da Nacionalidade, cujo concurso à obra nacional, como elemento eficiente do progresso, fator e objeto do desenvolvimento regional, é imprescindível e urgente.

– Aquele sentido humano, de compreensão e simpatia, transluz desde as primeiras páginas de *Rondônia*, nas quais se retratam, *além dos recantos naturais da terra, a vida de seus homens primitivos e, mais do que isso, os resultados da obra fecunda dos sertanejos do Brasil, dirigidos pelo ideal feito homem* – Cândido Mariano Rondon.

*Se como estudioso (afirma o autor de "Rondônia") as observações científicas que pôde realizar – quase todas de grande alcance, para o conhecimento da Antropologia sul-americana – o enchem de alegria, deu-se por bem pago daqueles dias de privações e de perigos, porque voltou da Rondônia com a alma refeita, confiante na sua gente que alguns acreditam*

*fraca e incapaz, porque é povo magro e feio...*

São feios, efetivamente, aqueles sertanejos, muitos além disso vivem trabalhando, trabalhados pela doença... Pequenos e magros, enfermos e inestéticos, fortes todavia, foram eles conquistando as terras ásperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalítico, amarrando os extremos da Pátria...

É preciso lá ir, para retemperar a confiança nos destinos da raça e voltar desmentindo os pregoeiros de sua decadência. Não é nem pode ser nação involuída a que tem meia dúzia de filhos capazes de tais heroísmos. Como são pequeninas estas observações científicas, diante da grandeza da construção daquela gente...

*Viagem ao Redor do Brasil, Os Sertões e Rondônia*, como trilogia excelsa de nosso sertanismo, merecem conjuntamente, acurado estudo, em seus múltiplos aspectos geográficos, históricos, sociológicos, para melhor compreensão da evolução brasileira, por toda uma centúria, máxime quando a Amazônia e o Nordeste assumem, na Geopolítica Brasileira, posição de justa prioridade.

## 2.2 -A Província de Mato Grosso

### 2.2.1- Configuração geográfica

Mato Grosso afigura-se a João Severiano, à luz das cartas geográficas e dos dados estatísticos contemporâneos, a maior das Províncias do Império do Brasil, na magnitude de seus 2 milhões de quilômetros quadrados, admitida, preliminarmente, a seu favor a solução das questões de limites suscitadas pelas Províncias vizinhas:

– o Amazonas, estendendo suas pretensões territoriais à nossa Paricínia, isto é, à mesopotâmia Gi-Paraná - Juruena (mais propriamente, Gi-Paraná - Serra do Norte - Uruguatás - Juruena, tomado este como o alto Tapajós), tanto vale dizer à latitude 12° 16' sul, onde tem origem o Gi-Paraná., tomada como sua cabeceira principal a do Djaruereb ou Pimenta Bueno, galho meridional do grande rio;

– o Pará, pretendendo apossar-se da mesopotâmia Tapajós-Xingu, a Xingutânia de Padre Aires de Casal – 330.100 quilômetros quadrados – tendo como limites o Tapajós (Teles Pires de hoje, Paranatinga, São Manoel ou Três Barras de então), desde a confluência com o Juruema até sua origem principal (tomada como esta a do São Manoel, na latitude 14° 52' sul); o Acaraí, contravertente do São Manoel e tributário do Culuene ou alto Xingu; este rio até a foz do Fresco, na latitude 6° 38' sul; este rio, a Serra dos Gradaús e o Iquiqui até sua foz no Araguaia, na latitude 9° 04' sul;



– Goiás, disputando a posse dos 223.000 quilômetros quadrados da nossa Bororônia e parte da nossa Camapuânia, isto é, de todo o sertão que se estende entre o Rio das Mortes ao Norte, e o Rio Pardo, ao Sul vindo a Oeste até ao divisor das águas dos Rios das Mortes de Leste e de Oeste, na longitude aproximada de 55° oeste de Greenwich.

O desconhecimento do interior do grande Norte Mato-grossense, quando se procedia à demarcação da fronteira internacional do Guaporé-Mamoré-Madeira, levava geógrafos e políticos a subestimar os cursos dos rios amazônicos, traçando-os nos mapas em posições mais à feição de idéias preconcebidas, ajustadas a latitudes mais convenientes aos interesses regionais, no sentido de incorporar às Províncias convizinhas maiores áreas, valendo-se os Governos respectivos de princípio jurídico cuja validade seria mais tarde impugnada pelo Brasil, em suas relações internacionais – o *uti possidetis* de direito, em oposição ao *uti possidetis* de fato.

Cumprir lembrar que Cândido Mariano Rondon ainda fazia, então, estudos primários, na Escola de Mestre Cruz, em Cuiabá, enquanto pontificava, na Geografia, Cândido Mendes, em seu famoso *Atlas do Brasil*.

Com o Amazonas, eram supostos limites o Madeira, desde a Cachoeira de Santo Antônio até a foz do Gi-Paraná; este rio até suas nascentes, na Serra do Norte; esta serra até a nascente do Uruguatás; este pequeno rio até sua foz no Juruena (então suposto alto Tapajós); este rio até sua confluência com o São Manoel ou Três Barras (atual Teles Pires, verdadeiro alto Tapajós).

Virgílio Corrêa Filho, em *As Raias de Mato Grosso*, apresenta, em esboço elucidativo, a suposta posição destas linhas divisórias, estendidas, de Oeste a Leste, nas proximidades do paralelo 8° 48' Sul, da Cachoeira de Santo Antônio de Madeira, que seria, finalmente, tomado como divisória, liberando, para Mato Grosso, a vertente leste do Gi-Paraná, toda bacia do Rio Roosevelt, o famoso Rio da Dúvida ou Aripuanã, e a encosta ocidental da Serra do Norte, território que podemos orçar em 172.000 quilômetros quadrados, agora que dispomos de uma das melhores cartas geográficas atuais, a *Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas* a 1:1.000.000, da Comissão Rondon.

São paulistas de Sorocaba Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, pai e filho, Manoel de Campos e seus filhos Antônio Pires e Filipe de Campos; Pedro Lourenço, João Leme, Antônio Borralho, João e Filipe Antunes Maciel, Pascoal Moreira Cabral, Antônio Prado de Siqueira, os homens enérgicos e ousados que os cronistas indicam como proto-exploradores do território mato-grossense, fins do século XVII, começos do século XVIII. A Manoel Felix de

Lima credita-se a descoberta da via fluvial do Guaporé-Mamoré-Madeira, em 1742, e a João de Souza Azevedo, quatro anos mais tarde, a do Arinos-Tapajós, ambos sertanistas de Cuiabá, estimulados, senão comissionados pelo Governo de Mato Grosso.

Dois pontos do Rio Madeira ficaram assentes, desde os tempos coloniais, como balizas da linha divisória entre as Capitânicas de Mato Grosso e de São José do Rio Negro: a Cachoeira de Santo Antônio e a foz do Gi-Paraná.

Até à Cachoeira da Aroeira ou Aroaia (Santo Antônio) estendia-se, desde 1752, a jurisdição de Mato Grosso e chegaram iniciativas do Governo do Pará. Um posto militar do Pará e um registro de Mato Grosso lá coexistiram por algum tempo.

Para a demarcação de limites entre as Capitânicas de Mato Grosso e do Rio Negro, recomendara a Metrópole que se tomasse um ponto médio entre a foz do Guaporé e a do Madeira, ponto que ficou assente, desde 1781, por iniciativa do Governador Luiz de Albuquerque, na foz do Gi-Paraná, latitude 8° 04' Sul.

Em 1758, iniciara Mato Grosso a colonização do Madeira, com o arraial de Nossa Senhora da Boa Viagem, junto ao Salto Teotônio, latitude 8° 52' Sul; tentativa malograda, como a seguinte, de 1768, junto ao Salto do Jirau (como, aliás, a anterior, dos jesuítas, em 1728) .

Tenreiro Aranha, Presidente da Província do Amazonas, abre, em 1852, negociações de limites com Mato Grosso, pleiteando para divisória, a partir do Tapajós (isto é do Juruena, tido, então, como alto Tapajós) para Oeste, o paralelo da Cachoeira de Santo Antônio do Madeira até esta cachoeira, a qual já era divisória entre as duas Províncias. A zona litigiosa assim definida, ao norte do mencionado paralelo, permanece, entretanto, quase de todo despovoada, até as vésperas da República, quando nordestinos iniciam a exploração dos seringais do Madeira.

Em 1891, o Governo de Mato Grosso (Presidente Mallet) ainda cria coletoria em Santo Antônio do Madeira e postos fiscais nas embocaduras do Jamari e do Gi-Paraná, cuja instalação é impedida por autoridades amazonenses.

Em 1899, Acórdão do Supremo Tribunal Federal considera a nascente questão, fixando apenas um ponto da linha de limites entre os dois Estados – a Cachoeira de Santo Antônio do Rio Madeira, tornando assim necessária a Convenção Interestadual de 1904 que estabelece, como fronteira, o Rio Madeira, a partir da foz do Abunã, até a Cachoeira de Santo Antônio; o paralelo desta cachoeira (8° 48' Sul) para Leste até cortar o Gi-Paraná, mas



volta a insistir na linha do Gi-Paraná, em busca de sua nascente, então desconhecida, na Serra do Norte, e por esta serra, em direção ao Norte, até o paralelo da confluência dos formadores do Tapajós, desta vez, com o assentimento expresso, portanto, do Governo de Mato Grosso.

A falta de assessoria, em termos de esclarecimento geográfico, leva os Governos a digressões políticas, felizmente, sem conseqüências práticas. Não obstante haver logrado estender seu território até à região que tomaria o nome de Vilhena, com as explorações do Coronel Rondon, nas proximidades da latitude 12° Sul, não cogitou o Governo amazonense da necessária ratificação do aludido acordo, pelos Poderes Legislativos estadual e federal. Ao invés, lei amazonense de 1904 o declara expressamente nulo. Nova tentativa de acordo, em 1910, é igualmente anulada por lei amazonense de 1917, em termos que levam a crer que o Amazonas se dispunha a nos disputar a bacia amazônica, entre o Gi-Paraná e o Tapajós – a nossa Tapajônia – em que pese aos progressos realizados pela Geografia Regional, à luz dos quais se evidenciaria o absurdo das pretensões amazonenses, em vista dos trabalhos da Comissão Rondon.

O Governo de Dom Aquino Corrêa, em 1918, ainda alcança o litígio com o Amazonas e procura ultimá-lo amigavelmente, pela homologação dos trabalhos técnicos realizados, no Aripuanã e no Tapajós, assinalando o paralelo 8° 48' Sul.

A transferência da capital de Mato Grosso para Cuiabá, em 1820, e o conseqüente abandono, por 55 anos, da via fluvial do Guaporé, põem em dúvida, no espírito de João Severiano, os direitos de Mato Grosso às terras do alto Madeira – a Paricínia – levando-o a sugerir que se adjudicasse aquela opulenta região à Província do Amazonas, se Mato Grosso (dizia) *não a administrava nem podia administrar... e quando, para a outra Província, tão fácil, natural e já efetiva é essa administração* (respeitado, entretanto, o marco tradicional da jurisdição mato-grossense – a Cachoeira de Santo Antônio).

Não deixa de valer tal sugestão, como origem remota da idéia de se fazer da nossa Paricínia um Território Federal.

Do Pará, já em 1753, transitava pelo Tapajós Antônio Vilela, *levando de sua exploração alguma quina*, e João Viegas passa por ser o primeiro que o subiu, fins do século XVIII, e desde 1804 que se tratou de explorá-lo, iniciativa cuiabana de Manoel Gomes, demandando o empório de Santarém. Em 1819, cabe ao Tenente Antônio Peixoto de Azevedo, de ordem do Governador Magessi, descer o Paranatinga, até à confluência do Juruena, e subir este rio até ao Salto Augusto.

Não ficou de todo ignorado, nos tempos coloniais, o Rio Xingu

(Paranaíba é seu antigo nome indígena). São de meados do século XVII as primeiras tentativas de penetração de missionários holandeses que freqüentavam seu baixo curso. Mas seu estudo só desperta interesse quando, em 1843, o Príncipe Adalberto da Prússia venceu-lhe as primeiras cachoeiras, levando suas investigações até ao paralelo 4° Sul. Não ultrapassou esta latitude Adriano Pimentel, em 1872. Uma ferrovia, iniciativa paraense, para vencer as cachoeiras do Xingu, entre 4° e 5° de latitude Sul, não passou das cogitações de um anteprojeto.

O Xingu era, assim, um dos rios brasileiros menos conhecidos e sobre cujas origens mais dúvidas existiam. Faziam-no provir desde o paralelo 15° Sul, em contravertente com o Rio Jangadas, cabeceira do São Lourenço, dando-se-lhe assim um curso de mais de 1.500 quilômetros... Melgaço coloca-as perto do paralelo 11° Sul, cortando-lhe, portanto, mais de um terço do suposto curso.

Com base em dados conhecidos da Geografia Histórica do Xingu, entre os quais não encontra informações de caráter científico, em relação à origem e ao curso superior do grande rio, é que o Dr. Karl von den Steinen empreende sua primeira exploração, partindo de Cuiabá, em junho de 1884, em direção às nascentes do Tamitatoala (a que dá o novo nome de Batovi, em homenagem ao Barão Presidente da Província), para descer este formador do Xingu e o grande rio até a sua foz no Amazonas.

Entretanto, o acordo entre o mapa de von den Steinen e o anterior, de Mato Grosso, datado de 1802, teria levado Pimenta Bueno a admitir que, anteriormente, o Xingu havia sido navegado, desde as cabeceiras até à foz no Amazonas. E não teria sido outro, senão o Tenente Peixoto de Azevedo, o explorador do Paranatinga que, saindo de Cuiabá, no ano de 1819, teria navegado pelo Xingu até ao Porto de Moz. E o próprio Príncipe Adalberto teria colhido *in loco* esta informação e parecia convencido de sua veracidade. Von den Steinen não explica, nem parece preocupar-se com aquela coincidência cartográfica. Mais médico e etnólogo que geógrafo, o ilustre explorador acentua seu interesse nos setores científicos de sua preferência, deixando aos futuros exploradores o encargo de deslindar os segredos da hidrografia, na grande bacia planáltina à qual retornaria, em 1887, para rever a confluência dos formadores e explorar o Culisêvu.

A falta de assessoria em assuntos geográficos levaria, mais uma vez, os Governos litigantes de Mato Grosso e do Pará a admitir, como divisória entre os dois Estados, o Tapajós e seu principal formador (São Manoel ou Três Barras de então, Teles Pires de hoje) até suas nascentes, nas vizinhanças de Cuiabá, na latitude 14° 52' Sul (tomada a do São Manoel como cabeceira



principal), passando desta nascente ao Acarai e ao Culuene, como alto Xingu, e por este abaixo até a foz do Fresco.

Contudo, a tempo esclarecidos, chegam ambos os Governos ao acordo de limites de 1900, aprovado por Decreto Federal de 1919, fixando o limite norte de Mato Grosso na linha Sete Quedas, no Tapajós - extremo norte da Ilha do Bananal, nas proximidades da latitude 9° 13' Sul.

Assim passam, pacificamente, a Tapajônia, a Xingutânia e a Tapirâquia a integrar o Norte Mato-grossense, privado Mato Grosso, ulteriormente apenas da Paricína, convertida em Território de Rondônia.

Grande confusão reina, entre escritores e geógrafos, sobre os rios da região da Caiapônia, observa João Severiano. Não se conforma Goiás com as sugestões mato-grossenses (que levam a linha de limites ao Araguaia e ao Correntes, afluente do Paranaíba) , considerando seu todo o território ao norte do Rio Pardo, afluente do Paraná, a leste da Serra das Divisões (longitude aproximada de 55° oeste de Greenwich) e ao sul do Rio das Mortes, baseado num ajuste havido, em 1771, entre os Capitães-Generais Luiz Pinto e Furtado de Mendonça. Luiz de Albuquerque, sucessor de Luiz Pinto, tendo verificado o desacerto e inconveniência dessa divisão, propõe, em 1773, continuar como limite ocidental o Araguaia e estabelece à margem deste rio o presidio de Ínsua ( onde existia, em 1875, a colônia militar de Itacaiú). Mas lei goiana de 1849 ainda marca, como limite austral de sua freguesia de Nossa Senhora das Dores, o nosso Rio Pardo.

Já em 1835, por iniciativa de Mato Grosso, surgia a Colônia Pedro II, na região das nascentes do Sucuriú, Taquari e Piquiti, dando origem à vila de Sant'Ana do Paranaíba, baliza da estrada que ligaria Cuiabá a São Paulo, por Uberava, e que permanentes goianos não tardam a interceptar, ocupando temporariamente o Porto Alencastro. Contudo, lei goiana de 1856 já fixava limites entre sua paróquia de Rio Bonito e a mato-grossense de Sant'Ana do Paranaíba e Decreto Imperial do mesmo ano reconhece a jurisdição de Mato Grosso sobre toda a Camapuânia.

Não obstante, em 1864, surge na Assembléia Geral projeto goiano pretendendo fixar limites entre Goiás e Mato Grosso, novamente, pelo Rio das Mortes – cabeceiras do Taquari - Coxim - Camapuã - Rio Pardo (projeto fulminado pelo Deputado Paranhos Júnior, o futuro Barão do Rio Branco, após demorado estudo das comissões).

Prosseguem, entretanto, medidas governamentais desencontradas, em relação à região. Couto de Magalhães, na Presidência de Goiás, havia pleiteado, para sua Província, em 1862, o porto de Coxim que lei provincial de Mato Grosso havia elevado à categoria de freguesia. E lei provincial de Goiás

pretendia, em 1873, elevar Coxim a comarca, sem nenhum efeito.

Em 1896, surge a idéia de um acordo de limites, iniciativa goiana, malogrado pela intransigência do Presidente Antônio Corrêa da Costa, em relação à linha Araguaia-Correntes. Em 1907, volta o Governo goiano a pretender, por lei estadual, trazer os limites a Coxim e ao Rio Pardo, tendo sido embargado pelo Presidente Generoso Ponce.

Na agenda do VI Congresso de Geografia (Rio de Janeiro, 1919) figuraria ainda a questão de limites Goiás-Mato Grosso, entre as vinte e seis questões de limites interestaduais, tendo resultado como progresso dos entendimentos o acordo sobre a linha do Araguaia, do extremo norte da Ilha do Bananal até as cabeceiras. Mas continuava a intransigência goiana em relação ao Sucuriú, pretendendo, como limite, entre este rio e o Aporé, o paralelo 19º Sul.

Laudo arbitral de 1920, que o delegado goiano, Conde de Afonso Celso, assina vencido, fixava, finalmente, os limites pelo Araguaia, até as cabeceiras – Serra do Caiapó-Rio Aporé.

Não obstante, lei goiana de 1922 ainda pretende restaurar, com novo nome – Torres do Rio Bonito – a comarca do Rio Coxim, dando lugar a um mandato de manutenção e posse do Supremo Tribunal Federal, em favor do Estado de Mato Grosso, pondo fim à questão.

Em 1765, preocupações estratégicas levariam o Governo de São Paulo a estender sua jurisdição em terras mato-grossenses, na fronteira com o Paraguai, mandando fundar a povoação de Prazeres do Iguatemi. Iniciou-se deste modo a colonização do Iguatemi, em 1766, com o presídio dos Prazeres, destruído por Pinedo, intitulado *General da Cidade do Paraguai*, que o atacou, à frente de numerosa força, em 1777... E assim fracassou a fundação de Dom Luiz Antônio de Souza, a quem aprovou dilatar a jurisdição de São Paulo a oeste do Rio Paraná...

Estas observações de Virgílio Corrêa Filho (em *As Raias de Mato Grosso*) levam-nos também a assinalar o desinteresse do mais poderoso dos vizinhos de Mato Grosso (e o de menor extensão territorial) pela reivindicação, em qualquer época, de possíveis direitos sobre as terras do Iguatemi, onde exercera efetiva jurisdição, por mais de um decênio, no regime colonial.

### 2.2 .2 -Fisiografia mato-grossense

– Da imensa área da Província, a parte maior está situada no vasto Planalto Central da América do Sul, talvez, o mais elevado araxá brasileiro... Outra porção, a Oeste e, principalmente, ao Sul, é baixa e alagadiça (o



Pantanal), altitudes de 150 metros acima do nível do mar, chegando a 1.000 metros em alguns pontos da crista onde se situa a divisória das águas dos dois maiores estuários do mundo, o Amazonas e o Prata; crista que atravessa diagonalmente a Província, de Noroeste a Sueste...

Inspira-se João Severiano, para sua visão panorâmica de Mato Grosso, na obra do Barão de Melgaço – *um dos homens a quem o Província mais deve e que mais a têm enriquecido, no que concerne à sua Geografia e Etnografia*.

– Apresentam-se essas planícies, às vezes, como formosas campinas, verdes e ondulantes (no Maracaju e no Amambá); outras vezes, páramos também ondulados, mas de terrenos secos e arenosos, verdadeiras charneças, assoalhadas de grés, saibro e piçarra, soltos e fofos, como a areia (nos campos dos Parecis); terras balofas onde os animais se enterram a cada passada, que não lhes dá pasto, tão estéreis que são; onde o arvoredado rareia e os matos são carrascos e cerradões... Outras vezes são terrenos enxutos, cortados de imensos rios, brejais e paus, ou despenhando-se em cascatas por altos paredões...

– Aqui, imensa e vigorosa mataria, grossos troncos e prodigiosas alturas... Se arenoso – areias bem brancas, às vezes – a floresta assemelha-se a jardins públicos, onde se pode livremente transitar à sombra, por entre renques de árvores... e os cipós enroscam-se pelas árvores, casam-se aos troncos, abraçam-se aos ramos, dependuram-se-lhes das grimpas, cobrem-lhes os galhos, cercam e fecham a floresta. E nem sempre léguas, às vezes passos, separam esse solo de extraordinária uberidade de outro onde a vegetação, raquitica e enfezada, disseminada a largos espaços, toma-se uma antítese contristadora de toda aquela pujança...

– Esse terreno balofo repousa sobre leito de rochas cristalinas que as torrentes perenes ou acidentais vão pondo em relevo... Isolados uns e na maior parte em grupos mais ou menos próximos, enormes penedos de formas caprichosas, semelhando a torres, túmulos, mausoléus e calçadas; ora aos *dolmens* e *men-hirs* dos antigos bárbaros da Europa Setentrional; ora aos *icebergs* dos mares circumpolares... alcantis cortados a prumo, conhecidos pelo nome de *tromba* (beijo de pedra, *itambé* dos índios) ...

A visão daqueles penedos – contrafortes de soterradas cordilheiras - põe, em momentâneo antagonismo, João Severiano e Couto de Magalhães. Para o autor de *O Selvagem, falseiam os mapas figurando montanhas no divisor de águas do Araguaia das do Cuiabá, o qual, excetuando a Serra de São Jerônimo, é vasta planície levemente acidentada, com suaves pendores...* Para João Severiano, não são montanhas somente as grandes elevações do

solo e assiste ao povo, como ao geólogo o direito (e a este mais o dever) de denominar serra, pela formação geológica, essas elevações do terreno, pequenas em altura mas longuíssimas em extensão e que pela maior parte são cristas e lombadas de enormes cordilheiras soterradas...

Como surgiriam, na verdade, nos planaltos arenosos circundantes, aqueles penedos, sem uma base cristalina que lhes desse a necessária estabilidade e solidez?

– A Serra dos Parecis e a do Norte, a dos Apiacás e Bacairis, ramos da Serra Azul; as do Espinhaço e de Tepirapuã e os ramos que vão entroncar-se na Serra das Divisões são os limites do grande araxá mato-grossense. Na maior parte, apresentam o flanco livre, íngreme e alto... Outras vezes vão descendo em fortes declives ou por escalões, mostrando, nessas paredes, principalmente nas regiões de Sudoeste, estrias onduladas e paralelas que parecem o sinal do açoite violento e demorado da grande massa d'água que primitivamente ocupou as baixadas adjacentes, mar cujas marés e tempestades, carcomendo as escarpas e abrindo-lhes, entre os maciços, verdadeiros golfos e baías, deixou-lhes pelos cabos e promontórios de então os espigões e contrafortes de hoje...

– Que, na América Meridional, parte do continente se elevou dos mares, em idades não muito primitivas, é fato inconcusso para a Geologia que, nos mais centrais sertões americanos, como nas cumiadas tempestuosas de suas montanhas, nos terrenos à beira-rio e nas dunas dos planaltos, muitos deles verdadeiros *fallums*, tem sempre encontrado índices certos a testificarem a existência das águas salgadas, em tempos que o estudo não pôde ainda determinar, mas que a geogenia elucidará. O que parece certo é que não foi o oceano que lhe irrompeu os limites e veio submergir seus vastos páramos... Nas escarpas denudadas das serras... nos morrotes e penedos isolados e esparsos pelo araxá, e notadamente na Chapada dos Guimarães, onde afetam as mais bizarras formas, lê-se a passagem das águas, nas cintas paralelas e na corrosão das rochas que seguem um plano uniforme, como se lê nas faldas orientais dos Andes... na estratificação quase horizontal dos penedos... Também escurvadas pelas águas, por um processo análogo ao dos sumidouros atuais, parecem certas grutas ou galerias... Há ainda um índice nos lagos salgados, nos rios e lagos salobros, nas savanas e pampas salitrados, onde o sal marinho reunido ao sulfato magnésiano e ao carbonato de soda surge a flux do solo, não só nas baixadas, mas ainda nos planaltos; não só nos terrenos secos, mas também à beira dos maiores rios, parecendo derivados de enormes depósitos subterrâneos que, quando encharcados, na estação chuvosa, as águas



dissolvem e levam consigo e, ao secarem, depositam no solo, terrenos prenhes de sal... São comuns, em Mato Grosso, os terrenos salitrados dos barreiros e as salinas, tão gerais nos planaltos, como nos plainos alagadiços...

É pois mais que provável que essa enorme bacia, entre os Andes e o araxá mato-grossense seja um vale de denudação, formado pelas águas que aí existiram e que, abrindo vazantes ao Norte e ao Sul, escoaram-se, levando as terras em dissolução... Os calcários e *macignos*, os concretos sílico-argilosos, os seixos rolados, geleiras de Agassis; os foramínios e outros fósseis marítimos, confirmando essa grande comoção terráquea, somente uma dúvida poderiam deixar – se foi ela que trouxe o mar ou se quem o levou – mas que tem, no solevamento dos Andes ( de formação mais recente que o resto do continente) a explicação da retirada do mediterrâneo sul-americano...

Não se pode dizer qual seja do Brasil a Província mais rica em produtos naturais, mas com certeza Mato Grosso é das mais avantajadas, se não ocupa o primeiro lugar. Situada no coração do continente sul-americano e dando saída às maiores correntes do mundo, ali foram encontradas as riquezas minerais à flor da terra pelos primeiros exploradores. Inúmeras são as minas que os sertanistas encontraram ou descobriram os garimpeiros – sem outras fadigas que as de suas aventurosas viagens, sem mais esforço que o de catarem o ouro e sem outras máquinas senão os mais rudimentares e primitivos instrumentos de labor. Sendo imensos os depósitos sedimentares desse solo, também imensos devem ser os seus repositórios de riquezas e, se a terra oculta hoje ,seus opimos tesouros, todos sabem o que ela possui de ouro e ferro, de prata, paládio e platina., de cobre, chumbo e outros metais, como sabem todos quão ricas são certas comarcas de seu território em diamantes e outras gemas... Toda a aresta ocidental dos Parecis, donde quer que manasse uma fonte, patenteou tesouros aos olhos fascinados dos aventureiros... Na bifurcação do Parecis com a Cordilheira do Norte há as encantadas minas do Urucumacuã, descobertas e não mais encontradas, quando voltaram a explorá-las... para o mesmo lado exploravam os jesuítas do Madeira as nascentes do Candeias e do Jamari, contando-se que auferiam valiosas riquezas... Das origens do Paraguai, duas têm os simbólicos nomes de Diamantino e Rio do Ouro; e com este nome não menos de seis riachos se contam na Província...

– Mato Grosso é ubérrimo em vegetais de toda classe e proveito. A Medicina, a construção naval e terrestre, a marcenaria, a tinturaria, a peleteria, etc. aí encontram repositórios de riquezas enormes. Aqui desenvolvem-se perfeitamente todos os produtos de exportação do Império, inclusive o café...

o açúcar, desde 1758 que se fabrica na Província... o mate, o *caa-mi* dos guaranis, cobre os distritos fertilíssimos de Miranda e Nioaque, do Taquari ao Apa... Quase só em Mato Grosso a *ipecacuanha* tem pátria... Como a poaia, a baunilha, a quina, a japeacanga, a salsaparrilha e outros são tesouros da matéria médica muito comuns na região... Nas margens dilatadas do Guaporé, Mamoré, Madeira e outros cursos do sistema do Araguaia, Tapajós e Xingu, abundam extraordinariamente as seringueiras e o tocari... À beira do Paraguai, apesar da ignara devastação dos lenhadores, ainda se avista um ou outro jacarandá, guatambu ou vinhático, ipês e peúvas que, na estação das flores, tornam tão belas as matas, esmaltando-lhes o verde-escuro com altivas grimpas transmudadas em ramalhetes enormes e formosíssimos... É já tempo de falar nessas derrubadas.. .

-Desgraçadamente, Província tão opulenta em forças é a mais pobre em indústria... Fora dela, ninguém a conhece por um produto seu que a represente, que lhe seja peculiar... Só Mato Grosso conserva-se estacionário... Os grandes proprietários não conhecem hoje outra fonte de riqueza senão a criação de gado, introduzido em 1739 (criação extensiva que ainda perdura, nas campinas do Sul) .

Os rios mato-grossenses e sua toponímia prendem a atenção de João Severiano, sugerindo-lhe notas preciosas:

- O Cuiabá, isto é, rodar, vir águas abaixo, ou, talvez, nome dos índios habitantes de uma baía donde nasce o Cuiabá-Mirim, ou ainda corruptela de *caioabá* ou mesmo de *caiabi*, índios que povoam as cabeceiras do Manso e Paranatinga. Ibitirati era o primitivo nome do Cuiabá, segundo o Padre Lozano.

- O Tapajós (corruptela de Tapaiu-Paraná ou Paraná-Pixuna, rio Negro) com cinco morros isolados e altos que se erguem a meio do rio, espalhados num trecho de 84 léguas...

- O Paranatinga (Rio Branco ou Paraupeba), o verdadeiro alto Tapajós, tantas vezes confundido com seu pequeno afluente São Manoel e denominado modernamente Teles Pires, em homenagem ao seu infortunado explorador, Capitão Antônio Lourenço Teles Pires, que nele pereceu, em 1890.

- O Sumidouro, afluente do Arinos, descoberto por João de Souza Azevedo, em 1746, e que assim o denominou por vê-lo cinco vezes esconder-se sob outros tantos túneis subterrâneos, túneis que bem atestam a natureza cretácea do solo.

- O Juruena, braço do Tapajós que, a poucos passos de sua nascente, corre já com uma profundidade de 4 metros e duas léguas abaixo, após sua primeira cachoeira, corre com ímpeto, pedregoso e semeado de entaipabas...



– O Xingu, um dos rios brasileiros menos conhecidos e sobre cujas origens mais dúvidas existem (em 1875)...

– O Araguaia (Rio Grande ou Berocoã dos carajás), rio majestoso de 1.800 quilômetros de extensão, dos quais 1.200 beirando terras de Mato Grosso...

– O Rio das Mortes – o *luaberó* (rio em forma de pé) dos carajás...

– O Tapirapé – o *Manambero* (rio das pedras) dos carajás...

– O Miranda – rio que mais nomes tem: Mbotetef dos indígenas; Guararapé chamavam-no algumas nações; Mondego o denominaram os exploradores de 1770; Miranda crismou-o o ajudante Francisco Rodrigues do Prado que ai foi estabelecer um reduto ou presidio, em 1797; é ainda chamado Mareco, Guachii e Aranhani...

- O Apa-Piraí ou Nigui dos guaicurús...

### 2.2.3 – Mato - Grosso humano e econômico

– Não pode ascender a mais de 55.000 almas (em 1875) a população civilizada da Província, a qual quase totalmente se concentra nas povoações, sendo mui diminuto o número de habitantes espalhados longe desses centros, nos almargeais das campanhas alagadiças ou no alto do araxá, à beira das estradas de Goiás e do Piquiri... A essa população pode-se adicionar a população semi-selvagem, aldeada ou mais ou menos em contato com a civilização e que orça nuns oito a nove mil índios... O Barão de Melgaço avalia em 25. 000 a população de índios selvagens cujas tribos são conhecidas, em número de dezoito (a essa população acrescentavam-se 35.000 libertos e 6.000 escravos)...

- Muitas dezenas de anos e muitas gerações suceder-se-ão antes que a riqueza das nações e o esforço de seus braços possam abrir estradas – não já para locomotivas a vapor , mas simplesmente de rodagem, duradouras e permanentes. A baixa do terreno é por sua extensão um obstáculo insuperável, nas condições atuais desses países...

– Nenhum país do mundo, tendo menos estradas abertas, tem mais estradas que andam do que Mato Grosso, com sua extraordinária rede potamográfica, uma das mais opulentas do globo: na qual as correntes conhecidas são em número superior a seiscentas e em milhares se podem computar todas as que a formam... Se bem que encachoeirados quase todos os rios que correm no grande araxá, a mor parte deles oferece, no entanto, livre navegação em longos tratos desimpedidos de entraves, ora a meio de seu curso, ora mais geralmente na porção inferior...

– A face noroeste da Província é banhada pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira que lhe oferecem caminho para o Amazonas, com 3.000 quilômetros de vias navegáveis... O Guaporé (Itenez dos castelhanos) é um formoso rio de 1.500 quilômetros de curso de fácil navegação (fundo suficiente, nas águas, para grandes navios; 15 braças de largo e 2 de fundo na Ponte Velha, 110 quilômetros da cidade, no fim do verão) ...

– Talvez não seja de muito acerto que se capitule da malsão e inóspito o clima do Mato Grosso. Composto de duas regiões, o planalto e a baixada, são-lhe bem diversas as condições climáticas, pelo seu hipsometrismo, natureza e influência do solo. O ar seco, a temperatura relativamente baixa mais do que a das baixas regiões e, por conseguinte, mais agradável, e as águas mais puras e sãs constituem já, não salubre, mas salubérrimo clima o do planalto... E, pois, se essa região abrange cerca de duas terças partes do território mato-grossense, não é pelo clima da restante, isto é, das comarcas alagadiças, onde atua uma atmosfera densa, pesada e carregada de princípios miasmáticos, que se deve aferir o clima e salubridade – a constituição médica da Província...

– Não tanto à natureza, como ao homem, seus hábitos, meios em que vive e de que vive e, sobretudo, às forças de que dispõe, cabe a culpa da malária das regiões eleitas... É na evaporação rápida e fácil, aos ardores de um sol violento; é na irradiação noturna do terreno, quando se lhe começa o resfriamento; é pois na condensação dos vapores da atmosfera que se deve procurar a causa eficiente da insalubridade do clima... Mas se é imenso esse estuário dos pântanos, imenso corretivo tem ele nessa mesma amplidão, onde a luz fulgura sem rival, onde o sol putrefaz facilmente, facilmente seca a terra; onde as grandes catadupas do céu lavam periodicamente e levam os produtos morbíficos de cada ano e onde os grandes rios que o atravessam são outros tantos canais de ventilação a modificarem benéficamente, com a corrente das brisas, o ar viciado da atmosfera... Fora absurdo atribuir ao clima enfermidades que o homem provoca e que se manifestam onde quer que leve a existência em completo desequilíbrio com os meios em que vive...

– Corumbá, situada numa altura de 30 a 35 metros, no meio de vastos alagadiços do Rio Paraguai –o lago periódico dos Xaraiés dos antigos – é altamente salubre e soi passar por incólume das febres epidêmicas de mau caráter. Povoam-na (em 1875) 5.000 habitantes. Não tinha mendigos. Mas com a retirada das forças de ocupação da República do Paraguai, centenas de naturais desse país, que delas recebiam o pão, acompanharam-nas a Corumbá. A esses seguiram-se outros foragidos... Corumbá e Ladário recebiam para mais de 4 .000 imigrantes nas mesmas desgraçadas



condições (dando à vila aspecto de povoação insalubre, tanta nas ruas a mendicidade, tanta a miséria, povilêu imenso, a maior parte refugiada no meio das matas que cercam a vila, em miseráveis choupanas...

#### 2.2.4– *Mato Grosso pitoresco*

É na maravilha das descrições inseridas no diário da Comissão de Limites que melhor se revela o escritor-acadêmico, fixando paisagens; descrevendo povos e costumes, numa sucessão de quadros que bem poderiam compor um guia turístico da Província, levando-nos em espírito a refazer aquela viagem ao redor do Brasil; detendo-nos a cada momento ante os cenários de maior encanto natural ou interesse geográfico ou histórico, para as minúcias que o cientista-cicerone nos revela, com amenidade, proficiência e senso didático:

– Pouco depois de passarmos o Apa, avistamos uma canoa que descia, tripulada por selvagens. Eram cadiués, tribo que nos é afeiçoada e que bons serviços nos prestou por vezes, durante a guerra do Paraguai. Vinham saudar-nos, não tanto pelo afeto, como pelo desejo de obter presentes... Ricardo Franco cita sete tribos da mesma origem guaicura: uatadéus, ejuéus, cadiués, pacaiudéus, cotoiudéus, xaquitéus, oléus. É gente esbelta e bem feita, cor moreno-clara... Contamos na barranca uma centena de homens e crianças. Ao ver-nos formaram em linha, empunhando remos que levaram ao ombro, verticalmente, à guisa de continência militar...

– Fecho dos Morros... montanhas formadas pelo Pão de Açúcar, que é o Cerro Ocidental dos espanhóis, e outras seis mais, à margem direita, o Cerro Oriental, à esquerda, uma ilha alta e morro no meio do rio, onde está a guarda brasileira... À ilha davam os guaicurus o nome de *Huetirá* (pedra comprida)... É notável esse ponto pelo ataque que traiçoeiramente lhe levaram os paraguaios, em 14 de outubro de 1850, forçando a guarnição brasileira a retirar-se para a margem direita... No Chaco, reúne-se Bueno (o Tenente Comandante do posto) às tribos dos caciques Lapagate e Lixagote, cadiués, e toma em represália o forte Bourbon... Tem (o Pão de Açúcar, em 1872) um destacamento do 2º Batalhão de Artilharia a Pé... São encantadoras as paisagens que o rio nos vai desdobrando. O Pão de Açúcar e seus seis irmãos ainda estão no horizonte, à nossa esquerda já aparece outro grupo, o dos Três Irmãos, com o Forte Olimpo no alto de um deles...

– Forte Olimpo... São seis e não três os morros... Forte Olimpo ou Bourbon é uma antiga fortificação quadrangular, construída (pelos espanhóis, em 1792) com intuito de fechar aos portugueses a navegação para Mato Grosso... A direita, o Rio Branco... Já se começa a avistar as montanhas de

Coimbra, sem que o Pão de Açúcar tenha-se sumido de nossas vistas... Baía Negra, antiga Ibiticarai... Forte de Coimbra, fundado em 1775, para obviar às contínuas depredações do gentio paiaguá e, ao mesmo tempo, impedir que os castelhanos se animassem a invadir o território português... O Real Presídio de Nova Coimbra, reformado pelo Tenente-Coronel Ricardo Franco, resiste aos espanhóis e guaranis de Dom Lázaro Ribera, em 1801, e aos paraguaios de Barrios, em 1864, com o Tenente-Coronel Hermenegildo Porto Carrero. Depois da Guerra do Paraguai, foi reconstruído, em 1875, pelo Tenente-Coronel Joaquim da Gama Lobo d'Eça e Major de Engenheiros Francisco Nunes da Cunha... O rio (Paraguai) cujas margens, principalmente a esquerda, não encontram desde muitas léguas obstáculos a suas transbordações, passa aqui apertado entre duas montanhas que, todavia, não o impedem de, nas grandes enchentes, ladeá-las e envolvê-las, convertendo-as em ilhas...

– Gruta de Coimbra... cerca de 2 quilômetros acima do Forte ficam as celebradas cavernas... Vai a subida do morro por uma boa centena de metros. A entrada da gruta fica-lhe a mais de meia altura. É uma fenda que bem pode passar por portão, com seus dois metros de alto e quase outro tanto de largo... Assombra essa entrada uma enorme gameleira secular, cujas imensas raízes, grossas como troncos de palmeiras, penetram no interior da caverna, até os últimos recessos. Uma escadaria de mais de 30 metros de altura, isolada das paredes laterais da gruta, deixa entrever precipícios, cujo fundo a vista não devassa. Descida essa escada gigante, chega-se a uma esplanada escura... À luz avermelhada das tochas, admiramos a extraordinária magnificência do labor da natureza; aqui eram colunatas de estalactites, torcidas como enormes alfenins que desciam de altura que os olhos não divisavam, parecendo teto invisível sustentar; ali eram estalagmites que no chão semelhavam maravilhosamente rendas, brocados, coxins, sob mil formas surpreendentes. Aos lados, a tênue penumbra deixava entrever caprichosas formações, ora engastando os penedos soltos, ora soerguendo-se dentre eles em fantásticas volutas... Nesta formação geológica de grês calcário com quartzo e argila, molasso ou talvez *macigno*, é que um dia virá, com o *fucus* e os detritos oceânicos, revelar a ciência, como fato inconcusso, a passagem das águas salgadas, a existência dos mares nessas regiões, coração da América do Sul.

– De Coimbra, a margem direita vai mais ou menos ondulada, em morrotes e colinas... Albuquerque Novo, pequena povoação e aldeamento de guanás e quiniquinás... A montanha do Rabicho trouxe-nos à idéia o Gigante de Pedra, da entrada do Rio de Janeiro. Tem a aparência de enorme cabeça encolhada... Ladário... foi o primeiro sítio da antiga Albuquerque... é hoje um



vasto e formoso arsenal de marinha ainda incompleto... Arsenal e ao mesmo tempo praça de guerra, é fortificado pela face do rio e fechado por cortinas nas outras...

– A primeira povoação de Albuquerque, também chamada Albuquerque Velho, fundada em 1778, é hoje a Cidade de Corumbá. Em, 1810, era ainda uma fazenda de gado do Governo... Desde 1827 torna-se por alguns anos sede do Comando do 5º Distrito Militar e da Fronteira do Baixo Paraguai. Em 1872, foi ali criada a Colônia Militar da Conceição... Cinco fortins defendem Corumbá pelo lado do rio e uma cortina por terra... Receberam aqueles denominações: São Francisco, Junqueira, Duque de Caxias, Conde d'Eu e Major Gama (o engenheiro que os planejou). Em 1862, tomou a nova vila e freguesia o nome de Santa Cruz de Corumbá... Ocuparam-na as hordas de Lopez por dois anos, até 13 de junho de 1867, em que o Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho, com forças de Cuiabá, a tomou de assalto por surpresa. Em 1877, tinham abertas e povoadas dez ruas largas e bem alinhadas, cortando-se em ângulo reto, e três praças... Fronteira ao rio e com uma só ordem de casas, descortinando esplêndido panorama, a Rua Augusta (assim denominada, em homenagem ao Presidente Augusto Leverger e mais tarde, por ocasião da inauguração do Telégrafo, a 1º de janeiro de 1904, denominada Cândido Mariano e, sucessivamente, rebatizada como *General Rondon* e agora *Marechal Rondon*) ...

– O solo de Corumbá é quase que inteiramente formado de calcário silicoso, cinzento ou negro, raras vezes esbranquiçado... Na escarpa da barranca, onde se abriram as ladeiras que comunicam a cidade com o porto, vêem-se formando assoalho e paredes, no meio das pedras laminiformes, formosas dendrites (árvore fósseis) em que a natureza desenha árvores, flores, estrelas, arabescos e paisagens tão lindas quão caprichosas...

– Desde Corumbá começa o rio a ser mui tortuoso, a ponto de, durante quatro horas, deixar-nos gozar a vista da cidade a qual, desde a primeira volta do rio, mostra-se com um garbo e gentileza que a pobre ainda está longe de possuir. Seus edifícios avultam, como que ganham com a distância; as igrejas, ainda mesmo em ruínas, tomam formosas proporções e os fortins novamente caiados e a modesta casaria dão-lhe um aspecto encantador...

– Acima dos Castelos (dois morrotes fronteiros, numa pequena volta do rio), a Ilha do Paraíso ou Paraguai-Mirim, com 100 quilômetros de extensão sobre mais de 40 de largo. No tempo das águas, fica completamente submergida...

– Lagoa Mandioré ou Men dos antigos, formosa baía de 5 léguas de

comprimento por uma e meia de largo, cercada de risonhas praias e de altas montanhas... No tempo das cheias, qualquer vento assoberba ondas como as do mar, ao passo que, na estação contrária, são colunas de pó o que o vento ergue... A canhoneira *Taquari* corta a água em todas as direções, fundeia bem perto às praias, chega a um formoso prado que parecia o limite das águas, mas foi abrindo passo à proa da canhoneira por algumas centenas de metros, até lugar em que toda a força das máquinas não pôde vencer a resistência das *fulcra* ou falsas raízes desses intricados hidrófitos – o *aguapé* -cobertos então de flores e formando, com o navio esbelto, parado em seu meio, o mais surpreendente e encantador espetáculo...

– Nuvens de grandes patos e marrecos cobrem as águas da lagoa, enquanto centenas, senão milhares de arancuãs, jacus, jacutingas e jaós aparecem às margens... Nos pantanais, passeiam pausadamente o tabujajá, o gigante tuiuiú, o jaburu, o socó-boi, notáveis variedades de palmípedes longirostros... e as formosas garças de plumas e anhumas (tachãs dos guatós)...

– Dourados... altas montanhas de gneiss, em cuja fralda teve o Estado um pequeno arsenal de marinha que os paraguaios destruíram, na invasão de 1865. É a *Mcrapo* dos guatós (palavra que quer dizer montanha).

– Pedras de Amolar... Desde Corumbá que temos à vista estas formosas serranias da margem direita do Paraguai, tornando-se distintos, por sua forma perfeitamente piramidal, os picos dos Xanés...

– Margens bordadas de mangues, ingazeiras e cana-fisítula... Quantidade prodigiosa de acácia angico... Nos troncos e braços das árvores corpulentas, enredam-se aroidéias de folhagem diversamente recortada, quase todas variedades do gênero *imbé*, bromélias selvagens, acméias de variegadas flores... às novas galas que traz do arvoredado esse flóreo revestimento ainda se junta que, nos ramos e galhos extremos, balançam-se compridos ninhos, como os dos xexéus, cujo vozear alegre e variado e os cantares de mil pássaros outros encham de vida e animação os sítios...

– Se as águas deslizam-se suavemente, encostados às margens vão se amontoando os aguapés... Se o rio espraia num remanso, esses hidrófitos cobrem-lhe a tona, entremeados de outros, principalmente a cana ou mururé... pelos bordos e remansos crescem extensos arrozais silvestres de que se aproveitam os guatós, os poucos e únicos habitantes dessas paragens. Além das margens, torna-se nesta época de enfloração tropical gratíssima à vista essa luxuriosa vegetação, matizada aqui e ali de enormes ramalhetes brancos, vermelhos, róseos, amarelos ou violetas, formados pelas flores das peúvas, das sapucaias, dos paratudos, dos novatos e das carobas,



de todas a flor mais bela, pela formosa cor lilás de seus festões... Raro ainda mas já aparece um ou outro cambará, árvore de porte e corpulência, cujas cimas se cobrem completamente de espigas amarelas... mais raro ainda se avista e mais para o interior das terras o leque de uma palmeira de tucum ou carandá ...

– Acima das Pedras de Amolar, as bocas do São Lourenço (de fato, as do Cuiabá) e mais acima e entrada da Gaíba, com o Morro do Letreiro: numa face cortada a pique, gravados por mão de homem selvagem sem dúvida, sinais conhecidos por aquele nome-letreiro... Parecem ser a representação do Sol, da Lua, estrelas, serpentes, mão e pé de homem, pata de onça e folhas de palmeira, no mesmo gênero de quase todas as encontradas nas itaquatiras do Brasil...

– Lagoa Uberaba (Torequêbaco dos guatós) cujas águas azuladas avistam-se como um círculo de uns dez quilômetros de diâmetro. O canal do Jiquié (que Castelnau denominou Pedro II), tortuoso e fundo, estende-se por mais de vinte quilômetros. Entre ele e o Paraguai, desce uma serra de formação granítica – a Ínsua (Ilha dos Morros de que fala Antônio Pires de Campos). O mais elevado de seus montes – o Morro do Gama – separa as duas Gaibas...

– A Gaíba é a mais formosa de todas, quase circular, completamente limpa, bem definida no seu perímetro, bordado lado oriental por altas montanhas... ao sopro da brisa, forma ondulações como o mar... com ventos mais frescos, levanta escarcéus e sua navegação torna-se perigosa...

– A Uberaba representa um lago circular de vinte quilômetros de diâmetro, literalmente coberto desse prado de camalotes – longas ciperáceas e ninfeáceas, entremeadas de pontedérias, alismáceas, naiadáias e hidrocoridéias, sobressaindo a todas a ninfeácea rainha dos nelumbos a *Victoria Regia* – a qual nesta ocasião, em plena enfloração, deixa ver entre as imensas folhas redondas, semelhantes a verdes bandejas, de metro e meio e mais de diâmetro, as suas não menos admiráveis flores, enormes bogarins, brancos com o centro rosado ao desabrochar, e olorosas, com cheiro de boninas; róseas no dia seguinte e, acentuada mais a cor, à medida que vão sofrendo a ação do sol; roxo-escuro, quando murcham... Chamam-lhe os guaranis *abati-irupé* (milho-prato d'água). *Iapunáuaupé* (ninho de jaçanã) chamam-lhe os índios do Amazonas. *Jurupari-teanha* (espinho do diabo) as nações tupis do Norte. *Atum-sísac* (a grande flor) a gente quíchua...

– São mui formosas essas paragens da Gaíba... árvores enormes cobrem os albardões da lagoa e o seu terreno ubérrimo convida à fácil agricultura... A mais deliciosa caça ali se cria e em tão grande cópia que

sobeja ao caçador... só falta aí o homem civilizado e a indústria, para haurir as fáceis riquezas... Os guatós são a única tribo que aí vive e já muito resumida... De longe em longe aparece um pequeno alto – os redutos (ou aterrados), lugares sabidos de pouso...

– Do Descalvado à Corixa Grande do Destacamento medem-se 97 quilômetros; desse terreno mais de três quartos são completamente alagadiços, numa estação, e tão secos, na outra, que só escavando-se profundas cacimbas pode-se encontrar água, quase sempre branca, da cor do leite, do elemento calcário que traz em suspensão... Em todos esses campos, é notável uma aglomeração de penedos, cascalhas angulosos e seixos rolados, formando pequenas colinas que já vai se cobrindo de vegetação alta, no caminho do Cambará... Parece mais depósito de pedras preparado pelo homem que uma eversão da natureza (quem sabe se um *steinberg* ou melhor um *parkwerkbauten* dos primitivos habitantes, para resguardarem-se na estação das águas? ) ...As formigas e os cupins de diversos gêneros são os donos do terreno... Nas proximidades do Cambará, vê-se o campo coberto de colunas cilíndricas que os índios chamam *tacuru*, altas às vezes de dois metros, assemelhando-se a marcos ou pilastras – *frades de pedra* - a pequenos castelos, com seteiras, portas, terraços e torresões...

– Corixa Grande do Destacamento... o riacho tem origem numa caverna de um monte isolado do sistema da serra da Borborema (gneiss em decomposição) ...Dentro se ouve o rumor das águas que caem, como em cachoeira, e vêm pelo chão dos corredores sair na quebrada onde soterram-se, aparecendo cinco metros adiante e já como um ribeirão...

– A linha limítrofe, continuada do marco norte da Lagoa Uberaba, vai encontrar o extremo sul da Corixa Grande do Destacamento, por esta segue até suas origens, sobe até o Cerro de São Matias e daí pela Serra da Borborema, com o dever de salvar o povo boliviano de São Matias, povoação de 200 almas, índios quase todos chiquitanos e alguns bororos...

– Sítio do Uauaçu... tira seu nome de umas formosas palmeiras que aí abundam – a *attalea spectabilis* de Martius, *xalhaehodi* dos guaicurús...

– Salinas... começam a sete léguas do Registro do Jauru; seguem para oeste e para o sul. De outro lado, estendem-se entre os Rios Paraguai e Cuiabá, entre Vila Maria e Poconé... Tanto os portugueses como os espanhóis as cobiçavam e pretendiam sua posse... Em 1837, na Presidência de Pimenta Bueno, foram considerados terreno neutro, mas seis anos depois (com o fim de evitar conflitos com os bolivianos) passaram a ser considerados, sem contestação, território brasileiro ...



– Santa Rita. No tempo das chuvas, ribeirão de dez metros de largura, passa a rio caudaloso e depois se converte em lago ou antes em mar de água doce, ligando-se a outras inundações da Uberaba e dos Campos do Céu e Mar e de todos esses almargeais para o ocidente que quase vão achar termo nas escarpas andinas...

– Palmas Reais... Vem-lhe o nome da mata de buritizeiros, altas palmeiras, quase tão esbeltas como as chamadas imperiais, porém mais formosas na copa, com a sua coroa de leques arredondados como as da carnaúba...

– Morro da Boa Vista, o mais elevado dos que aí terminam a Serra de Aguapei. Cerca de quatrocentos metros de altura e de não fácil acesso, coberto de seixos e cascalhos de *gneiss* duríssimo, semelhante às pedras de machado dos índios... Entre os terrenos altos que se vão sucedendo, separados pelas corixas, vasta baixada de mais de légua de largura na seca, lagoa na estação chuvosa... Perigosíssimo deve ser este campo, no tempo das águas, pela extensão e natureza do solo argilo-calcáreo, e pior ainda quando começada a seca, por converter-se em pegajoso lamaçal...

– Quatro Irmãos, grupo de cinco morrotes, em cujo principal deve colocar-se, definitivamente, uma das balizas limítrofes... Ronda das Salinas, uma das mais antigas guardas portuguesas... As outras eram a Ronda do Sul, a da Ramada e a da Cacimba...

– Lagoa Grande ou Ponte Ribeiro (*Laguna del Marfil* dos bolivianos) ...É nessas várzeas que têm origem o Barbados e o Paraguai. São elas tão baixas e sujeitas a inundações que, na estação invernososa, vêm-se em canoas da cidade de Mato Grosso, em algumas ocasiões, por cima das matas... O posto de Salinas consiste em 3 palhoças habitadas por uma guarda do destacamento de Casalvasco...

– Casalvasco deve ter sido um bonito povoado... Seus campos são magníficos... os mais lindos que tenho visto: imensa planície gramada, semeada de árvores isoladas... aqui e ali *caapoãs* cerrados, orlados de gigantescas florestas indicam a passagem a seu sopé de correntes perenes... Cortam-nos em rumos leste-oeste várias vazantes, aqui conhecidas pelo nome de *perí*, voz típica da qual vazante é a tradução. Casalvasco é hoje apenas um posto militar, à margem direita do Barbado... é uma tapera Casalvasco, mas risonha ao primeiro aspecto, com a sua casaria de taipa acinzentada, coberta de telhas vermelhas, semelhando antes uma povoação nova, em via de construção, cujas casas rebocadas estão só à espera de uma derradeira mão de cal... Mas quanta ruína sob essa louçania feiticeira... Essas ruínas, ainda hoje notáveis, fazem cismar com tristeza no que foi

Casalvasco, no que foi Vila Bela, no que foram tantos outros povoados do coração da América, cem anos atrás, e que sonhos de futuro, de grandeza e de poder não deveriam fazer seus habitantes, no meio de sua prosperidade, para a era em que estamos...

– Em 19 de março de 1752, erigiu Rolim de Moura em vila o antigo Pouso Alegre, com o nome de Vila Bela de Santíssima Trindade... Se não fossem os receios de fundar a nova capital além do grande rio, tirando-lhe assim essa excelente trincheira natural e separando-a demasiadamente do resto da Capitania, é de presumir que Rolim a iria estabelecer nas faldas da alterosa e imponente serrania que se eleva na outra margem (a Serra de Ricardo Franco) ...A capital dos antigos Capitães-Generais não é hoje (1875) mais do que uma pobre povoação de uns 700 habitantes... As ruas são largas e bem traçadas, com boa casaria de pedra e cal, cobertas de telha, em número superior a 300... Entre esses edifícios avulta o palácio, habitação sólida e regular, cuja metade somente concluída... Seus salões, primitivamente pintados a óleo, mostram ainda, sobre as portadas e lambrequins, frescos no estilo de Watteau e Laneret, mais ou menos originais, ora alusivos ao país, ora aos governadores... O quartel da guarnição é uma cópia reduzida do quartel da Aclamação da Corte... A matriz (igreja em ruínas) foi mui rica e guarda, ainda os restos de sua prisca opulência, tais como velhos mas ricos paramentos, imagens adornadas de jóias custosas de ouro, prata e pedrarias, imensos resplendores de ouro, coroas imperiais de tamanho natural, riquíssimas e bem cinzeladas custódias, cálices, patenas, navetas de ouro e prata dourada, turíbulos, imensas lâmpadas, tocheiras, varas de palio, candelabros... A Capela de Santo Antônio dos Militares, conquanto também muito danificada, ainda se conserva, graças aos cuidados do Comandante do Distrito... É dos templos da Província, talvez, o que mais riqueza encerra... Foi a sepultura do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra (a Matriz o é do Capitão-General João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres).. Tem a cidade uma escola de meninos (já teve uma aula de latim, nos seus bonitos tempos) ...

– Eis em breves traços o esboço ligeiro da capital dos Capitães-Generais – o empório das minas de ouro do Mato Grosso, país tão considerado da coroa portuguesa que nele via uma de suas mais preciosas gemas... De toda essa grandeza antiga quase que só restam reminiscências nessa pobre tapera ainda decorada com a hierarquia de cidade... Seu distrito militar, eclesiástico e judiciário abrange todo o território ocidental da Província, desde a foz do Gi-Paraná, no Madeira, cortando pela Cordilheira do Norte em direção ao Registro do Jauru... ..



Mas conclui o insigne geógrafo-escritor suas observações de 1877, com um vaticínio otimista que já se traduz em palpável realidade de nossos dias:

– Tempo virá longe, muito longe talvez, quando já não exista senão o renome dessa cidade injustamente desacreditada; quando o homem venha em busca das verdadeiras riquezas do solo, desse solo ubérrimo e de tão fácil conquista, para prosperidade e o desenvolvimento do País; quando se agregue a população e com ela surja o comércio, a agricultura e a indústria; e quando o grande e formosíssimo Guaporé, franco das cabeceiras à região encachoeirada do Mamoré, entronque sua fácil navegação à via férrea do Madeira; e que o povo, vigoroso e cheio de ânimo, dispondo de mais força e a edilidade de melhor aviso, encontre outra facilidade, para remover os óbices ao seu adiantamento; a Cidade de Mato Grosso, o verdadeiro coração da América Meridional – vivificada por essas duas artérias sem rivais no mundo, o Rio-Mar e o Prata, ligados entre si por facilíma estrada de ferro de vinte e poucas léguas, dele ao Jauru – será o centro da vida dessas regiões, tão preñes de riquezas nos três reinos naturais, quão de misérias, atualmente.